

O INFERNO EM ENEIDA: MITO E POESIA

THE HELL IN ENEIDA: MYTH AND POETRY

Adel Malek HANNA¹

Alessandra de Menezes GOMES²

RESUMO: O presente artigo objetiva apresentar uma análise gradual da construção do mito do Inferno, através de elementos poéticos e míticos que se convertem em uma perspectiva imagética. No decorrer do artigo foi possível averiguar a complexidade em torno da criação mítica do Inferno, assim como os vários aspectos referentes a poeticidade que os mitos proporcionaram durante a construção do Mito Inferno, na obra *Eneida*. Assim, este estudo pode ser visto como um estudo complexo de mitos que interagem entre si, formando um mito maior mediante a poeticidade destes engendramentos: o Mito e a Poesia, na peregrinação de Enéias ao Reino dos Mortos.

Palavras-chave: mito; poética; inferno.

ABSTRACT: This article aim to present a gradual analysis of the construction of the Myth Hell through poetic elements and mythical that convert to one perspective imagery. Throughout the article it was possible to ascertain the complexity around the mythical Hell's creation, as well as various aspects related to poetic myths that have provided during the construction of Myth Hell, in the *Aeneid* work. This study can be viewed as a complex study of myths that interact with each other, forming a most poetic myth by these engendramentos: Myth and Poetry in Aeneas pilgrimage to the Kingdom of the Dead.

Keywords: myth, poetry, hell.

Introdução

Durante as leituras relacionadas aos elementos míticos e poéticos que permearam e permeiam as construções literárias, surgiram questionamentos quanto à importância destes como elementos fundantes para a estilística poética que permeia as obras literárias. Não se pode deixar de lado o fato de que muitos dos elementos sombrios, que aparentam uma desvirtualização da tendência poética, serem a representação do sublime e do belo, por exemplo. Assim, nesta perspectiva, o presente artigo busca fazer uma análise e um resgate quanto a utilização dos mitos e da poesia como elementos constituintes das construções literárias, contemplando a ideia de que a poeticidade de uma obra não está vinculado apenas

¹ Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, pela Universidade Federal do Acre – UFAC; Professor na FAAO – Faculdade da Amazônia Ocidental e na FAMETA – Faculdade META

² Especialista em Gestão Escolar pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás.

ao *locus amoenus*, mas também ao *Locus horrendus*, local onde o grotesco também possui suas qualidades poéticas e sublimes, exaltando aos olhos dos leitores.

Para reforçar a ideia apresentada no parágrafo anterior, será feito uma análise do canto VI da obra *Eneida*, de Virgílio, que corresponde à descida de Enéias, o pio e herói troiano, ao Reino dos Mortos, e por se caracterizar como sendo um dos pontos máximos da obra, não só pelo resgate emocional-familiar, mas também pela descrição poética e mitológica feita sobre as divisões do Inferno, que é visto como uma das mais completas e fantásticas exposições sobre o mundo subterrâneo, superando inclusive a descrição que Homero faz na obra *Odisseia*, em razão da riqueza de detalhes, tornando-a uma das descrições mais bela e complexa sobre o mundo infernal.

Nesta perspectiva, trabalhar a construção mítico/poético do Mito Inferno na obra *Eneida*, de Virgílio, transformou-se em um desafio, por apresentar várias facetas que, a partir do imaginário humano, causando encanto e medo. Salienta-se que a peregrinação feita por Enéias servirá de base para este trabalho, pois é a partir desta caminhada, no Mundo dos Mortos, que a descrição minuciosa do Inferno virgiliano se concretizará, de modo a compreender a própria construção do mito, em que cada mito é construído por outros mitos, em que um mito relatado sempre será um todo, pode ser compreendido e analisado de forma isolada. No entanto, é concomitantemente a parte de um mito maior. Desta forma iniciar-se-á os estudos a partir dos pontos míticos relevantes a construção do Inferno e suas manifestações poéticas.

1. A poeticidade do mito

Falar da poética do mito é falar do próprio mito, pois a poesia que o circunda se manifesta diante de sua própria construção, em que o conjunto simbólico que permeia as narrativas míticas se volta à própria linguagem que percorre o todo fantástico. Na *Eneida*, de Virgílio, esta perspectiva não é diferente, a linguagem que se manifesta na epopeia cria uma ressonância por meio das sinestesias, onde as passagens poéticas se revelam paulatinamente em métricas poéticas, definindo ritmos e movimentos contínuos, como elemento substancial da própria narrativa. Um dos elementos manifestos nas narrativas míticas é o tempo mítico:

E a negra Noite, conduzida pela sua biga, percorria o céu, quando Enéias creu ver a sombra do seu pai Anquises descer subitamente do céu e lhe dirigir tais palavras: “Ó meu filho, tu que me foste outrora mais caro que a vida, enquanto a vida me restava, ó meu filho, tu que os destinos de Ilião perseguem, venho aqui por ordem de Júpiter, que expulsou o incêndio da tua frota, e que do alto céu enfim de ti se apiedou. Segue os conselhos, os excelentes conselhos que agora te dão o velho Nauta: transporta para a Itália jovens escolhidos, os mais valentes corações. É uma raça dura e de costumes selvagens que terás de vencer no Lácio. Entretanto, aborda, primeiro, as moradas infernais de Dite, e, através das profundezas do Averno, vem, meu filho, ter comigo: pois não é o Tártaro ímpio, região das tristes sombras que me possui, mas habito, na doce sociedade de homens piedosos, o Elísio. Para lá te conduzirá a casta Sibila, se derramares, em grandes ondas, o negro sangue das vítimas. Então conhecerás tua posteridade e as muralhas que te são destinadas. Já agora, adeus. A Noite úmida atinge a metade do seu curso, e o feroz Oriente me faz sentir o sopro dos seus cavalos ofegantes”. (VIRGÍLIO, 2003, 104-105)

De acordo com o excerto acima, pode-se perceber que o tempo cronológico se manifesta por meio da distorção do tempo e do espaço, na qual a relação entre o sonho e a realidade se misturam através da presença do sobrenatural que conduz a cena para o campo do fantástico. Assim, o tempo mítico se manifesta frente a presença do sobrenatural: “E a negra Noite, conduzida pela sua biga, percorria o céu, quando Enéias creu ver a sombra do seu pai Anquises descer subitamente do céu e lhe dirigir tais palavras”, nesta passagem é possível presenciar a ideia do tempo mítico, cuja a distância percorrida pelo pai de Enéias só se realiza mediante um tempo subjetivo e nebuloso, típico das construções poéticas e do próprio mito que transcende a realidade.

Outros elementos surgem como complemento na construção poética do mito. É o que ocorre no excerto acima quando a retórica poética se manifesta no discurso de Anquises, pai do Herói troiano Enéias, argumentando e apresentando elementos retóricos advindos de adjetivações e referências cruzadas servindo de *leitmotiv* para o desenrolar da narrativa.

O discurso proferido por Anquises serve não só como aviso, mas também como um tecido de informações míticas que vão se entrelaçando ao longo do discurso e da narrativa, dando vivacidade e movimento ao enredo por meio da imagem retórica. No trecho “E a negra Noite, conduzida pela sua biga, percorria o céu,(...)”, pode-se perceber que as personagens míticas se manifestam por meio de referências que se voltam a deusa Nix que levanta o manto da noite, e, ao mesmo tempo, surge outro deus maquiado pela intemporalidade dos acontecimentos: Apolo, deus que conduz o Sol com sua biga, mantendo o ciclo contínuo do anoitecer e do amanhecer.

A retórica poética também se faz presente no discurso de Anquises, que instrui Enéias, seu filho, a ir ao Mundo dos Mortos. Neste momento os elementos poéticos se fazem presente: “... pois não é no Tártaro ímpio, região das tristes sombras que me possui, mas habito, na doce sociedade de homens piedosos, o Elísio”. Percebam que a poeticidade neste trecho se manifesta pelo uso das adjetivações que surgem carregadas de sensações e sentimentos que vão construindo a visão mítica e poética do mito Inferno por meio da linguagem.

Salienta-se que a linguagem utilizada no canto VI da *Eneida* é um traço marcante, pois é por meio da linguagem que a retórica-poética se manifesta utilizando os jogos antitéticos que se despontam nos conflitos de interesses entre os deuses, onde há aqueles que buscam destruir os troianos, “*incêndio da tua frota*”, e aqueles que tentam ajuda-los, “*e que do alto céu enfim de ti se apiedou*”. Como pode ser observado, as rivalidades entre os deuses se encaixam como engrenagens de uma grande máquina linguística que depende de prós e contras para que a narrativa ganhe vivacidade e siga o curso fantástico que movimenta a narrativa.

Diante do exposto até o momento constatou-se que a linguagem presente no canto VI da obra *Eneida*, de Virgílio, contribuiu para que fosse possível compreender o processo de construção poética a partir da presença de mitos e entes sobrenaturais que interagem com o fantástico, destacando a importância do discurso de Anquises, não apenas no que se refere a poeticidade e construção do mito, mas a própria retórica do discurso que conduzirá o herói troiano para o reino dos mortos, isso porque o fragmento utilizado traz consigo o desfecho da narrativa que se manifesta através de indícios relevantes para o final da obra: “...transporta para a Itália jovens escolhidos, os mais valentes corações. É uma raça dura e de costumes selvagens que terás que vencer no Lácio.”, Assim, fica claro a importância de trazer o monólogo de Anquises direcionado a seu filho Eneias, uma vez que prenuncia a peregrinação do herói nos infernos e é feita uma previsão das batalhas que o troiano Enéias terá de enfrentar na Itália. Assim, pode-se ver o destino do herói selado pelos deuses e o leitor apresentado com uma prévia do decorrer da narrativa.

2. O mito e a sua construção

A multiplicidade de recursos poéticos apresentado no capítulo anterior, nos leva a considerar um fator importante, trata-se da própria construção do mito, em que segundo Shelling (Apud MIELIETINSKI, 1987, 16), “A mitologia é condição indispensável e matéria primária de toda arte...”. Nesta perspectiva, a descida de Anquises do céu para ter com seu filho Enéias, durante a noite, funciona como ponte de ligação entre a fala do velho pai com o destino do filho, uma vez que a Noite (Nix) gerou sozinha o inflexível Destino. Portanto, o monólogo de Anquises que ocorre durante a noite, serve justamente para chamar a atenção do leitor quanto ao destino de Enéias, pois a informação trazida pela sombra conduzirá o herói a seguir seu caminho e cumprir seu fado. Deste modo, a utilização da deusa Noite (Nix) para a descida do pai de Enéias, consiste num sistema absoluto que envolve informação, encaminhamento e presença do Destino inflexível.

Segundo Mielietinski (1987, p. 16) “*O nervus probandi* consiste na idéia da arte como revelação do belo absoluto e em si através de objetos belos específicos, i.e., como revelação do absoluto no restrito sem a supressão do absoluto”, o que se tem, portanto, a Noite que se restringe a representar uma ligação com o Destino, fazendo com que os elementos retóricos-poéticos, até aqui abordados, se apresentem sem danificar o grupo de informações intrínsecas (o absoluto). Para explicar melhor esta contradição retornamos a Mielietinski (1987, pg.16) que declara: “Esta contradição só se resolve nas idéias dos deuses, que de sua parte, podem obter uma independência autônoma, autenticamente objetiva,...”. A mitologia, ou os deuses, gera um “caos pleno que em si mesmo já é poesia, e ao mesmo tempo é para si mesmo matéria e elemento da poesia”, fazendo com que a obra de Virgílio seja uma arca escrita com vários recursos poéticos direcionados para si mesmo, a mitologia e os deuses são elementos poéticos por si só, e elementos poetizantes nos textos em que se manifestam.

O mito abordado por Virgílio, na Eneida, ganhou um cunho poético, graças a essa mitologia em que o particular não designa o geral, mas é o próprio geral. Schelling, citado por Mielietinski, diz que a mitocriação tem continuidade na arte:

Todo grande poeta tem a missão de transformar em algo integral parte do mundo que se lhe abre e da matéria deste criar *sua própria* mitologia; esse mundo (o mundo mitológico) se encontra em formação, e a época contemporânea ao poeta pode lhe revelar apenas uma parte desse mundo. Assim será até que chegue ao ponto situado numa distância indefinida, no qual o espírito universal terminará o grande poema

por ele criado e transformará em *simultaneidade* a mudança sucessiva dos fenômenos do mundo novo. (1987, 19)

Virgílio criou uma obra que vem se reconstruindo, cada mito utilizado consiste em uma poética particular, um mito particular, pois os mitos presentes na *Eneida*, formam um conjunto de informações entrelaçadas que geram um mito completo descrito na epopeia: a origem do povo romano. É o que ocorre com o cair da Noite, em que o destino de Enéias se revela diante de seus olhos através de seu pai, que lhe guiará para a Itália, mas antes, o herói deve se dirigir a Cumas e descer ao reino dos mortos para ouvir todas as informações necessárias, no Elísio, e assim cumprir seu destino. Portanto, o inferno é um mito particular em relação ao mito da origem do povo romano, mas um mito geral diante do conjunto mitológico que o descreve.

Virgílio transporta Enéias, através da poética do mito, para o Reino dos Mortos, cuja entrada pode ser relacionada à região vulcânica próximo ao Vesúvio, pois para os povos antigos tratava-se do local em que a ideia do terrífico e do sobrenatural era maior do que em qualquer outro ponto da superfície terrestre, contendo fendas de onde se levantam chamas sulfúreas, o solo era sacudido pelo desprendimento de vapores e ruídos saíam das entranhas da terra. Esta ideia de terror surgiu com a destruição de Pompéia, pelo Vesúvio, tornando-se o vulcão mais conhecido e medonho de todas as sociedades. Daí a grande jogada de Virgílio, demonstrar o quanto é infernal a região de Cumas, local onde se encontra a entrada dos Infernos. Nesta região, Enéias encontra a Sacerdotisa Sibila, guardiã da entrada do submundo e lhe dirige as seguintes palavras:

“Não há trabalhos, ó virgem, que ergam diante de mim aspecto novo e inesperado. Previ tudo e tudo imaginei de antemão comigo mesmo. Não te peço senão uma coisa: visto que é aqui, diz-se, a porta do rei dos Infernos e o tenebroso pântano para onde reflui o Aqueronte, que me seja lícito ir ver meu pai querido e com ele praticar; ensina-me o caminho e abre-me as portas sagradas. (...) Foi ele, ainda, que me recomendava e suplicava viesse ter contigo e te implorasse.” (VIRGÍLIO, 2003, p. 113)

Descer ao reino dos mortos, na Mitologia, só era possível para aqueles que tinham uma ligação de parentesco com os grandes deuses, ou, também, para os heróis, que além de se destacarem por suas bravuras, inteligência e habilidades eram modelos de paciência, temor e

obediência aos deuses. Estas características se enquadram ao herói Enéias, ou ao Pio Enéias, lhe dando a possibilidade de descer aos Infernos. Com essas qualidades a seu favor e sendo humilde em seu pedido, Enéias reforça seu argumento, citando outros heróis e semideuses que obtiveram a permissão de descer ao Dite, como: Orfeu que pôde reconduzir os Manes da esposa, graças a sua cítara harmoniosa; Pólux que redimiou o irmão com morte alternada e tantas vezes cruzaram estes caminhos; Teseu que desceu ao Dite para raptar Perséfone, esposa de Plutão. Além da enumeração feita pelo troiano, há também a sua descendência divina. Estes fatores servem para demonstrar que a sua solicitação não desagradaria aos deuses, além de agilizar a autorização para adentrar ao reino dos mortos. Porém, diante das súplicas de Enéias, a Sacerdotisa Sibila assim começou a falar:

Descer ao reino dos mortos é fácil, pois as portas dos Infernos estão abertas dia e noite, porém o retorno não é fácil, poucos mortais apoiados pelos deuses conseguiram retornar. Florestas ocupam todo o espaço intermediário, e o Cócito, no seu curso, o rodeia com negro circuito. Se tens tão grande desejo, tão grande avidez de atravessar duas vezes as águas do Estige e de ver duas vezes o negro Tártaro, e se apraz tentar tão louca empresa, ouve primeiramente as coisas que devem ser feitas. (VIRGÍLIO, 2003, p. 114)

Mesmo após a fala da Sacerdotisa, o herói Enéias fica indiferente diante das dificuldades, fazendo com que a consagrada Sibila se compadeça e contribua para que o herói troiano adentre ao mundo dos mortos. Mas salienta que é preciso seguir algumas etapas, conforme se apresenta abaixo:

Há, escondido numa árvore opaca, um ramo cujas folhas e haste flexível são de ouro, consagrado a Juno infernal; um bosque sagrado o protege e as sombras de um obscuro vale o encobrem. Mas não é dado penetrar nas profundezas da terra antes de haver destacado esse ramo de ouro da árvore que o produziu; é presente com o qual a bela Prosérpina quer se lhe faça homenagem. Arrancando esse ramo, a árvore produz outro, igualmente de ouro, cuja haste se cobre de folhas do mesmo metal. Procura-o, pois, com os olhos, no fundo do bosque, e quando o tiveres descoberto, colhe-o segundo o rito, com a mão; pois ele se destacará por si mesmo, voluntária e facilmente se os destinos te chamam; de outra forma, não á força com a qual tu o possas vencer, nem ferro, por mais duro que seja, com o qual tu o possas arrancar. Além disso, o corpo de um dos teus amigos jaz inanimado (tu o não sabes, ai de ti!), e seu cadáver mancha toda a tua frota, enquanto pedes os oráculos e te deténs em nosso antro. Antes de tudo, dá-lhe o asilo que lhe é devido, e fecha-o no sepulcro. Conduze ao altar ovelhas negras; que isto seja a tua primeira expiação. Somente então verás os bosques sagrados do Estige e o reino que não tem caminho para os vivos. (VIRGÍLIO, 2003, p. 114)

Seguindo os ditames da profetisa, Enéias se dirige à praia onde se encontra o corpo inanimado de Miceno, soldado troiano que pertencia à sua nau, para sepulta-lo, com todas as honras de herói e amigo. Na sequência adentra à antiga floresta, profundo retiro dos heróis selvagens, em busca do ramo de ouro, que conta com a ajuda de Vênus, que lhe envia duas pombas para guia-lo à árvore opaca onde se encontra o ramo de ouro. Após retirar o ramo de ouro da árvore, apressa-se em oferece-la a Prosérpina, e, assim, prosseguir sua jornada, em companhia da Sacerdotisa Sibila.

No item seguinte, antes de tratar definitivamente sobre a descida de Enéias ao reino dos mortos, falar-se-á, primeiramente, sobre a descrição feita por Virgílio a respeito da entrada, ou seja, do local onde se encontra o Portal de Dite para adentrar aos Infernos.

3. A poeticidade na peregrinação de Enéias no mundo dos mortos

Visto como *locus horendus*, a região onde se encontrava a entrada do Reino dos Mortos era tratado como uma região inóspita, onde nenhum ser vivo poderia frequentar de forma livre, pois tratava-se de um região composta de rachaduras por onde saiam vapores sulfúreas e tóxicas. Podendo ser comparada a região em que se encontra o Vulcão Vesúvio, que provocou grande alarde e terror quando entrou em erupção destruindo a cidade de Pompéia. Nesta perspectiva a entrada para o Dite seria nas proximidades do vulcão, não só pela hipótese aqui levantada, mas também pela descrição que Virgílio faz sobre o Dite:

Havia uma caverna profunda, monstruosamente talhada na rocha, com grande abertura, protegida por um negro lago e pelas trevas dos bosques. Nenhum pássaro impunemente podia fazer caminho por cima dele, tais eram as impuras emanações que, saindo daquelas negras gargantas, exalavam-se para a abóbada do céu. (VIRGÍLIO, 2003, p. 116)

As adjetivação presente no excerto produzem imagens pictóricas que levam o leitor a uma reflexão que se aproxima do descrito sobre o Vesúvio, apresentando o quanto o local é tenebroso, grandioso, de extremo poder de destruição, prenunciando o que se pode encontrar nas profundezas da Mansão de Plutão. Não se pode deixar de mencionar o fato de que após o Dite, o Inferno virgiliano divide-se em sete partes distintas: a) o lugar das crianças mortas

recém-nascidas; b) o dos inocentes condenados injustamente; c) o dos suicidas; d) o das vítimas do amor; e) o dos guerreiros; f) o do Tártaro; g) os Campos Elísios.

Após cumprir os ditames da Sacerdotisa, Enéias transpõe a entrada dos Infernos, o Érebro, que abrigava as almas daqueles que não foram sepultados conforme os costumes fúnebres da cultura romana, ficando presos naquela região sem poder adentrar no reino dos mortos. Neste local Enéias reencontra o amigo e piloto Palinuro, levado pelas ondas na travessia do mar da Líbia, e assim lhe diz: “Qual dentre os deuses, Palinuro, te arrebatou de nós e te mergulhou no seio da líquida planície?”, após a fala de Enéias, Palinuro conta como ocorreu a queda no mar e todo o sofrimento até o momento de sua morte. Emocionado, pede para o herói que o sepulte para poder atravessar o rio Estige. Com a súplica de Palinuro, a Sacerdotisa Sibila lhe diz que seus ossos serão sepultados e sobre o túmulo erguerão uma cidade com o seu nome.

Na sequência, Enéias e Sibila chegam às margens do Rio Aqueronte para a travessia, mas o barqueiro Caronte os proíbe dizendo: “Este é o lugar das Sombras, do Sono e da Noite soporífera, não é permitido transportar na barca estígia corpos vivos” e armados. Dizendo tais palavras, a sacerdotisa anfrísia responde-lhe brevemente, conforme descreve Bulfinch (2005, p. 44): “A Sibila respondeu que eles não cometeriam qualquer violência, que o único objetivo de Enéias era ver seu pai e, finalmente, apresentou o galho de ouro, a cuja vista a ira de Caronte desfez-se, apressando-se ele a encostar o barco e receber a bordo os dois”. Ao chegarem a outra margem do rio, os viajantes se deparam com o Guardiã Cérbero, o demônio do abismo que possuía três cabeças com serpentes envoltas ao pescoço, que guardava a entrada das moradas infernais, evitando que as almas que por ali passassem não pudessem mais sair. Para ultrapassar o portão, os viajantes utilizaram da astúcia, lançando um bolo soporífero, de mel e de grãos preparados. Ao comer o bolo, o guardião cai num sono profundo, facilitando a entrada do herói e da sacerdotisa nas regiões infernais.

Ao transporem o portão, entram na primeira região dos Infernos, destinada as crianças mortas recém nascidas, “repentinamente ouviram-se vozes, e um enorme vagido: almas infantis que choravam, as quais, no limiar da existência, sombrio dia arrancou sem que tivessem conhecido a doçura da vida, roubadas ao seio materno para serem mergulhadas na morte cruel.” (VIRGÍLIO, 2003, p. 120). De acordo com a transcrição, pode-se perceber que o lirismo utilizado faz exaltar um sentimentalismo exacerbado, levando o leitor, a partir de um

conjunto de palavras, a criar uma referência imagética que, de alguma forma, irá influenciar ou suscitar no leitor sentimentos de compaixão para com a morte dos recém nascidos, manipulando o estado emotivo do leitor.

No segundo nível as adjetivações continuam a mexer com o leitor, pois neste nível encontram-se as almas dos inocentes condenados injustamente, devido a um erro. Mas quem seria responsável pelo erro, os homens ou os deuses? Quanto a isso basta saber que o Destino é inflexível e intransferível, assim, aqueles que são condenados por falsas acusações são julgados por Minos que atua como juiz para examinar as ações de cada um, e puni-los justamente pelo que fizeram.

O terceiro nível destina-se aos que tiraram a própria vida, conforme excerto abaixo:

Depois, ao lado, estão, acobardados de tristeza, aqueles que sem ter feito nenhum mal se suicidaram com sua própria mão, e que, odiando a luz, rejeitaram a vida. Como eles quereriam agora, sob o éter elevado, sofrer a pobreza e os duros trabalhos! O destino a isto se opõe, e o pântano odioso de onda triste os prende e o Estige dividido em nove braços os aprisiona. (VIRGÍLIO, 2003, p. 121)

A descrição da região infernal destinada aos suicidas, demonstra quanto Virgílio é genial em trabalhar diversos aspectos relacionados à produção da narrativa poética. Nota-se nesta passagem a presença da ironia é marcante, pois as pessoas que procuram o refúgio da morte acabam por se arrepender, devido às punições e à tristeza que prevalecem no vale. As almas destes desejariam, de bom grado, suportar a miséria, o trabalho e outras aflições, se pudessem retornar à vida. Diante de tanta tristeza, Enéias segue sua peregrinação rumo ao vale das vítimas do amor.

Localizada no Campo das Lágrimas, esta região abriga as almas que foram consumidas por um triste amor, cujas sombras permanecem abrigadas nas florestas de mirtos, onde ocorre um dos momentos mais sublimes da obra: o reencontro de Enéias com a Rainha Dido, conforme descreve Virgílio por meio de metáforas obscuras: “Entre estas, a fenícia Dido, sangrando ainda da ferida, errava pela grande floresta; logo que o herói troiano chegou perto dela e a reconheceu, obscura, entre as sombras, como, no começo do mês se vê ou se julga ver a lua entre as nuvens...” (VIRGÍLIO, 2003, 121). Diante do que se apresenta, a linguagem utilizada contribui para que a ocasião alcance um patamar poético de grande

importância, principalmente por Eneias perceber que o presságio que tivera durante a fuga de Cartago era verdadeiro, Dido não suportando a fuga de seu amado transpassa a espada do herói troiano em seu peito, por onde esvaía sua alma juntamente com o sangue que jorrava da ferida:

“Doces despojos, enquanto o permitiam os destinos e os deuses, recebi esta vida e liberta-me destes cuidados. Vivi e terminei a missão que a Fortuna me tinha dado, e agora a minha sombra irá grande para debaixo da terra. (...) Assim me agrada ir para junto das sombras. O cruel dárdano, do alto mar, acolha com os olhos esta chama e leve consigo os agouros da minha morte!”

Dissera; e, enquanto ainda falava, suas damas vêm-na caída sobre o ferro; vêm a espada espumando com sangue e as mãos desfalecentes. O clamor eleva-se para os altos átrios;(...)

[...]

Então a onipotente Juno, compadecida da sua prolongada dor e da penosa morte, envia-lhe Íris do alto Olimpo para libertar aquela alma em luta com os laços do corpo. (...), voa e detém-se sobre a cabeça de Dido: “Levo, como me foi ordenado, este penhor sagrado a Dite e te liberto de teu corpo”, diz e com a destra corta o cabelo: dum só golpe todo o calor se dissipa e a vida se perdeu no vento. (VIRGÍLIO, 2003, p. 85-86)

Perceba que o suicídio da Rainha Cartaginesa, não se restringe apenas a perda do amado, mas também a um sentimento patriótico, como se buscasse a redenção perante o seu povo. Este sacrifício fez com que a deusa Juno se compadece do sofrimento da Rainha, enviando-lhe a deusa Íris para apaziguar a agonia da morte. Salienta-se que os fatos motivadores do suicídio só fez com que ela ficasse insensível às lágrimas de Enéias. Neste caso Virgílio é brilhante ao criar um retrato imagético do suicídio, despertando no leitor o sentimento de compaixão pela cartaginesa.

Mas, assim como Virgílio exalta todo um processo de sentimentalismo para com Dido, o mesmo não ocorre com o herói Enéias, que mesmo diante dos presságios fica irreduzível e prossegue viagem rumo à Itália. Esta atitude do troiano faz com que o leitor se compadeça do patriotismo e do sofrimento da Rainha Dido, enquanto que com Enéias, o sentimento torna-se oposto. O leitor se sente apunhalado por aquele que o chama de Pio. Esta forma de construção pertence ao discurso poético-retórico, pois ao mesmo tempo em que o poeta exalta o sentimento sublime, ele o distorce perante a concepção social do leitor, fazendo com que este participe da história, se sentindo parte integrante desta epopéia.

A construção da linguagem retórica e poética também se manifesta em favor de Eneias, que mesmo diante da inflexibilidade da cartaginesa diante do espanto e da angústia que percorria o corpo do herói, a linguagem carregada de adjetivações também favorecem o herói, que com o peso na alma, se aproxima da Rainha cartaginesa, deixa as lágrimas correrem e lhe diz com doce amor:

“Infortunada Dido! Era pois verdade que não vivas mais e que, com o ferro na mão, seguiste o partido extremo! Da tua morte, ai de mim! Fui eu a causa. Juro pelas constelações, pelos deuses do alto, e por tudo aquilo que há de sagrado nas profundezas da terra, foi, malgrado meu, ó rainha, que abandonei tuas plagas. Não fiz senão obedecer aos deuses, cujas ordens imperiosas me forçam agora a ir por entre estas sombras, por entre estes lugares cobertos de espantosos espinheiros e esta noite profunda. Não poderia crer que minha partida te causaria tão grande dor... Detém-te! Não fujas aos meus olhares! De quem foges? É a última vez que o destino me permite te falar”.

Com tais palavras, Enéias tentava abrandar aquela alma ardente, de torvo olhar, e procurava arrancar-lhe lágrimas. Mas ela, voltando a cabeça, tinha os olhos fixos no solo; seu rosto não se altera com essa tentativa de conversação, como se ela fosse dura pedra ou um alto contraforte do Marpeço. Finalmente retirou-se e fugiu, hostil, para a floresta umbrosa, onde seu primeiro esposo, Siqueu, corresponde a seus cuidados e partilha seu amor. Enéias, todavia, abalado por essa iníqua desgraça, segue-a ao longe, chorando, e, enquanto ela se afasta, ele dela se compadece. (VIRGÍLIO, 2003, p. 121)

Neste discurso, pode-se observar a inversão de sentimentos, pois quem passa a sentir a tristeza da perda é Enéias, enquanto que a Rainha Dido se mostra indiferente com os sentimentos do troiano. Nessa mudança repentina as lágrimas do herói faz o leitor questionar o porquê de tal mudança, já que antes da morte da rainha, o herói troiano era inflexível às suas súplicas, e agora este se sente o pior dos mortais, não por causa da morte da amante, mas provavelmente pelo peso que o herói carrega na alma por ter sido responsável direto pelo suicídio de Dido. Assim, apresenta-se novamente os jogos retóricos para construir um discurso que conduza o leitor a questionar: como pode um herói e semi-deus ser tão manipulável nas questões do sentimento? A este questionamento não se deve ignorar o fato de que Enéias além de herói e semi-deus é também o reflexo do pensamento próprio dessa dubiedade humana.

Assim, tanto a morte de Dido quanto o reencontro de Enéias com a Rainha, nos infernos, são fatos de extrema comoção. Mas, o que merece destaque é o silêncio da Rainha, mesmo após as desculpas e explicações do herói troiano. Virgílio faz deste silêncio o ponto

sublime que difere da construção do Mito Inferno na Odisséia, de Homero, pois, enquanto Dido fica imparcial perante as argumentações e súplicas do troiano Eneias, enquanto que na cena criada por Homero, o reencontro de Ulisses com Ajax segue um caminho parecido, no entanto o encanto do silêncio e do reencontro é quebrado em virtude da tentativa de diálogo com o guerreiro Ajax:

Outras males seus também me expunham; / Mas a de Ajax, de parte, irosa estava /
Pelas armas de Aquiles, que a mãe Tétis / Ante as naus presentara, e por sentença /
⁴²⁵ Me adjudicaram Teucros e Minerva. / Ah! nunca me coubera essa vitória, / Que o
herói tumultou dos Gregos todos / O mais formoso e bravo, exceto Aquiles! / Meigo
lhe imploro: "Exímio Telamônio, / ⁴³⁰ Nem morto esqueces a fatal porfia, / Celeste
punição da gente Argiva! / Da pátria ó fortaleza, o luto nosso / Não foi maior
quando morreu Pelides. / A culpa é só de Júpiter, que os Dânaos / ⁴³⁵ Abomina e te
impôs tão dura sorte / Chega-te, ouve-me, ó rei, teu ódio aplaca, / No ânimo
generoso me perdoa." / Não deu palavra, e tácito ia andando / No Érebo a esconder-
se. Inda que torvo, / ⁴⁴⁰ Me falara por fim; mas outras sombras / Examinar o peito
me pedia. (Homero, 2009, pg. 239-240)

A tentativa de diálogo presente no excerto acima comprova a quebra do silêncio. Assim, pode-se dizer que, diante dos dois momentos ocorridos no inferno, entre o reencontro de Enéias com Dido e o reencontro de Ulisses com Ajax, o reencontro do troiano com a rainha cartaginesa demonstram um conjunto de elementos muito maior, exaltando as premissas retóricas e poéticas na cena, cujo silêncio de Dido se apresenta como o ápice da ação, sobe ao cume do sublime pela sua irrevogabilidade; e uma circunstância que ainda confirma a resolução da sombra indignada e o acolhimento que Dido recebe do marido Siqueu em um retiro umbroso. Esta reconciliação é terníssima e da mais bela moral: o amor ilegítimo a tinha manchado e perdido; o amor conjugal perdoa a infeliz, e lhe desculpa uma falta que ela jamais cometeria durante a vida do seu primeiro consorte. Cenário que não ocorre na descrição de cena feita por Homero, entre Ulisses e Ajax, que o silêncio é rompido pelas duas personagens, momento em que Ulisses se dirige a Ajax dizendo-lhe "Meigo lhe imploro: "Exímio Telamônio, / Nem morto esqueces a fatal porfia, / [...] / A culpa é só de Júpiter, que os Dânaos / Abomina e te impôs tão dura sorte / Chega-te, ouve-me, ó rei, teu ódio aplaca, / No ânimo generoso me perdoa". Diante de tais súplicas Ajax fica indiferente, assim como Dido fica indiferente as indagações de Enéias, mas ao contrário de Dido, Ajax não consegue ficar em silêncio: "Não deu palavra, e tácito ia andando / No Érebo a esconder-se. Inda que torvo, / Me falara por fim; mas outras sombras / Examinar o peito me pedia", fazendo com

que o silêncio que poderia ser um ponto alto no reencontro de Ulisses e Ajax se desfizesse por conta de um murmúrio.

Continuando a caminhada, o herói troiano avança pelos infernos, se afastando da região dos amantes infelizes, e chega à área destinada aos guerreiros:

Dali continua o caminho que lhe foi determinado. Já atingiu os campos mais recuados que, separados, freqüentam os varões ilustres na guerra. Lá lhe saiu ao encontro Tideu, aqui Partenopeu, célebre pelas suas armas, e a imagem do pálido Adrasto. Lá estão os dardânidas tombados na guerra e tão chorados pelo mundo de cima. Em os vendo desfilar a todos, em longa fila, Enéias geme; reconhece Glauco, Medóte, Tersíloco, os três filhos de Antenor, Polibetes, consagrado a Ceres, e Ideu, tendo, ainda, as suas rédeas, ainda, suas armas. Essas almas o cercam, a direita e a esquerda, em grande número; não lhes é bastante tê-lo visto uma vez; apraz-lhes até demorar-se, seguir seus passos, informar-se da causa da sua visita. Mas os chefes dos dânaos e as falanges de Agamenão, apenas perceberam o herói e as suas armas brilhantes, tremeram presa de enorme pavor: uns voltam as costas, como outrora, quando fugiam para seus navios; outros emitem débil grito; o clamor começado expira na boca em vão escancarada. (VIRGÍLIO, 2003, p. 123-124)

De acordo com o excerto acima, pode-se acompanhar a criação pictórica o inferno, em todos os momentos, o que não é diferente ao narrar a chegada de Enéias no campo dos guerreiros, destacando-se como se fosse uma luz divina, para seus companheiros mortos que o rodeiam. Este comportamento, que é uma ação corriqueira durante a narrativa, demonstra a importância do troiano como líder e como guia religioso, daí a grande comoção entre as almas dos guerreiros e amigos.

Salienta-se que além de abrigar as almas dos guerreiros troianos, abrigava também os guerreiros gregos que participaram da guerra de Tróia. Estes, ao avistarem o herói troiano, vestido com sua armadura amedrontaram-se, viraram as costas e fugiram, como ocorria nas planícies de Tróia. Esta atitude dos gregos representa a imponência do Píro Enéias naquela região.

Temos assim, nesta narrativa dois momentos distintos: o primeiro momento trata-se da exaltação dos guerreiros troianos, colocando-os numa posição superior a dos outros guerreiros que ali habitavam; o segundo momento trata-se do medo entre os guerreiros gregos, gerado pela figura de Enéias, representando mais uma vez a superioridade dos troianos sobre as outras almas, ali presentes. A retórica poética classifica estes acontecimentos

como sendo a tensão poética gerada pelo conflito de sentimentos no campo dos guerreiros. A Sacerdotisa Sibila, observando a atitude dos gregos incita Enéias a apressar-se:

A noite está caindo, Enéias, e nós passamos as horas a chorar. Este é o lugar onde o caminho bifurca para ambas as partes; o caminho à direita é o que vai dar nas muralhas do grande Dite: é o caminho dos Elísios, é o nosso; mas o caminho à esquerda conduz ao Tártaro ímpio onde os maus são punidos. (VIRGÍLIO, 2003, p. 123)

Em seguida, Enéias chega à bifurcação que o levará para o Tártaro e para os Campos Elísios. O caminho da esquerda leva para o Tártaro, onde há largas muralhas rodeadas por tríplice muro, circundadas pelo Rio Flagetonte do Tártaro, rio de chamas torrenciais por onde rolam retumbantes rochedos. A entrada corresponde a uma enorme porta com colunas de sólido diamante, que nenhuma força humana, nem os próprios deuses as podem derrubar. No alto de uma torre que se ergue nos ares, Tisífone, que aplica seu chicote de escorpiões, vigia dia e noite guardando o lugar. Das suas entranhas ouvem-se gemidos, terríveis chicotadas, o ruído estridente do ferro e o arrastar de cadeias. Abrindo-se as portas do Tártaro, observa-se a profundidade do império das sombras. Conhecida também como a prisão dos deuses, pois lá, nas profundezas longínquas do Tártaro, Júpiter aprisionou os Titãs, os Gigantes, os deuses antigos expulsos do Olimpo, além daqueles que desafiaram o poder dos deuses. Neste setor fica o palácio do rei dos Infernos, o reino de Plutão. A vivacidade descritiva deste reino se dá através da utilização de uma linguagem que sugere imagens pictóricas tão reais que é possível vivenciar as torturas ali praticadas.

Nos Campos Elísios, Enéias oferece presentes à deusa Perséfone, esposa de Plutão. Na morada dos Bem-Aventurados, reinava uma eterna primavera, a terra sempre alegre cobria-se de luxuriante folhagem, de flores e de frutas, irrigadas pelas águas do Letes, as almas que ali habitavam gozava do mais delicioso repouso, uma perpétua mocidade, sem cuidados e sem dor. Deitados sobre leitos de folhas ou reclinados sobre a fresca relva. Os heróis contavam os seus feitos ou ouviam os poetas que celebravam o seu nome.

Nos Campos Elísios estavam reunidos os encantos e prazeres, assim como no Inferno estavam acumuladas todas as espécies de tormentos. Aqui Enéias se encontra com seu pai Anquises, que assim se dirige ao filho:

Em fim vieste, e tua piedade, há tanto esperada pelo teu pai, triunfou da dura viagem! É me dado contemplar teu rosto, ó filho, ouvir e fazer ouvir estas palavras familiares! Na verdade, tinha tal esperança no coração e contava o tempo gozando o futuro; minha solicitude não foi enganada. Que de terras, que de imensos mares atravessaste antes de chegar até mim! por quão grandes perigos foste perseguido, ó filho! Quanto temi que os reinos da Líbia te fossem nocivos! (VIRGÍLIO, 2003, p. 126)

Após a exortação feita pelo pai de Enéias, guia seu filho através dos campos dizendo-lhe quem são as almas que ali habitam e qual o futuro destinado aos descendentes da raça de Dárdano. Posteriormente às explicações, Anquises mostra a Enéias os indivíduos de sua raça, que ainda nasceriam, além de relatar-lhe as empresas que eles deveriam executar no mundo. O velho nauta relata, também, ao filho os acontecimentos que o esperavam antes que ele e seus companheiros se estabelecessem definitivamente na Itália: seriam travadas guerras, disputadas batalhas, uma esposa seria conquistada e seria fundado um novo Estado Troiano, do qual surgiria o poder romano, que acabaria soberano no mundo. Como se pode ver, a descida de Enéias, para o mundo inferior, tinha um motivo crucial para o futuro da raça troiana e para o desenvolvimento da obra de Virgílio.

Além disso, Enéias encontra com diversos parentes próximos, ocorrendo um verdadeiro resgate emocional-familiar. O momento mais aguardado por Enéias, ocorre o reencontro do herói com seu pai Anquises, que havia falecido de forma natural, durante a viagem, próximo à Sicília. Após aliviar as saudades, Anquises lhe apresenta, de forma profética, os futuros heróis da ainda não existente Roma. Dentre eles lembramos: Sívio, Rômulo, César e César Augusto. Segundo a profecia de Anquises, Sívio será o último filho de Enéias com Lavínia, cujos descendentes reinarão sobre Alba Longa; Rômulo, filho de Marte com Ilía, neto de Sívio, será o fundador da cidade de Roma; César, ou Júlio César (100-44 a.C.) será, com a proteção dos deuses, o Imperador que ampliará os domínios do Império Romano, estendendo seu poder sobre vários povos; e César Augusto (44 a.C.-14 d.C.) será responsável pelo fortalecimento do Império Romano. Além de profetizar a respeito da futura estirpe troiana, Anquises prediz, também, o destino da futura urbe de Roma, contando-lhe que a cidade terá uma muralha que cercará sete colinas e prenuncia toda a grandeza e o poder do futuro Império Romano.

Mas, para que Enéias pudesse concluir seu destino, Anquises o conduz até as portas do sono, dizendo-lhe: “*estas são as duas portas de saída, o portal de chifre são por onde as verdadeiras sombras deveriam sair, enquanto que a porta de marfim servia de saída para os sonhos falsos*”, ou seja, porta de marfim é a porta por onde deverá sair Enéias e Sibila, uma vez que estes não estavam mortos.

Conclui-se que a travessia feita por Enéias pelo mundo infernal foi a mais bela transcrição feita sobre a morada de Hades. Segundo Elizar Magalhães, em seu artigo “*A descida do Herói ao reino dos mortos*”, tratar da descida de Enéias ao mundo inferior requer extremo cuidado, devido à riqueza do episódio, enquanto Ulisses em sua descida não ultrapassa a descrição do Érebro.

Considerações finais

A poeticidade contida no mito corresponde a uma cadeia de recursos poéticos que possibilita ao texto uma dinâmica que flui através das alternâncias de discurso, fazendo com que tanto as personagens quanto o narrador adquiram vida através da exploração do emocional gerada pelo lirismo. Este lirismo ocorre na utilização de imagens que auxiliam o leitor a fazer parte desta rede mítica, podendo vislumbrar, através do discurso, a região onde se encontra a narrativa. Assim, a poética contida no mito é responsável pela catarse do espectador através da purgação dos sentimentos de terror ou de piedade vivenciados na contemplação da construção dos mitos.

Para se entender a construção do mito deve-se ter em mente que o mito por si só é completo, cada personagem ou episódio mítico possui uma completude única, como ocorre no mito da peregrinação feita por Enéias no reino de Dite, cantado no livro VI da *Eneida*. Este é completo porque se limita em narrar a viagem do troiano, sem se estender as outras estórias míticas. Porém, nas entrelinhas deste mito podemos encontrar personagens e episódios que indiretamente completam-no, mas sem interferir no absoluto da narrativa. Nestas entrelinhas podemos citar Sibila, Sacerdotisa do templo de Apolo, o ramo de ouro que Enéias colhe para oferecer a Perséfone, estes, como os demais, encontra-se presente no texto para dar verossimilhança à narrativa. Mas, as personagens, ou episódios citados, também são absolutos, por possuírem um início, um meio e um fim revelando-se assim a construção contínua do mito, simultaneamente independentes e dependentes de outros mitos. É nesta

construção do mito que Enéias, ao cumprir os ditames da Sacerdotisa Sibila, segue em direção ao reino dos mortos, guiado pela Sacerdotisa. Mas para descerem ao reino de Dite, o herói troiano e Sibila tendem de passar pelo portal do Dite.

A descrição que foi apresentada sobre a entrada para o reino dos morto, o Dite, trata-se de uma hipótese plausível, isso porque a ideia do sobrenatural é marcante no Vesúvio, e nada melhor que este lugar para abrigar a gruta por onde Enéias e Sibila passaram para chegar as várias regiões do Inferno, na qual Virgílio esbanja um lirismo exacerbado, despertando tanto no leitor quanto no herói troiano uma série de sentimentos: o lugar das crianças mortas recém-nascidas, que exalta o compadecimento através das adjetivações presente neste episódio; o dos inocentes condenados injustamente, desperta no leitor e na personagem, o sentimento de justiça, de indignação em relação aos erros cometidos pelos homens; o dos suicidas, neste episódio há uma exaltação da ironia, pois aqueles que procuram refúgio na morte acabam por se arrepender, pois o sofrimento deste local é maior que o da vida terrena; o das vítimas do amor, é nesta região que ocorre um alto grau de lirismo, pois envolve uma rede de sentimentos que levam o leitor e a personagem a se sentirem extremamente comovidos, mas especialmente para o leitor a elevação do sentimento de compaixão e raiva navegam de um extremo ao outro, pois no mesmo instante em que vêem Enéias como sendo um Pio, o leitor tem uma súbita mudança despertando o sentimento oposto da compaixão; o dos guerreiros, neste vale tem-se um jogo de oposições, a alegria que a figura de Enéias causou para as almas dos guerreiros troianos, e o medo das almas dos guerreiros gregos; o do Tártaro, neste local Virgílio não economiza nas adjetivações e passagens cujas imagens despertam o sentimento de horror e medo; os Campos Elísios, nesta região Virgílio utiliza as adjetivações e passagens para criar uma imagem completamente oposta a do Tártaro, exaltando a beleza, a alegria, além dos prazeres divinais.

Assim, pode-se dizer que durante a peregrinação de Enéias no Inferno, há uma descrição imagética que desloca o leitor do real para o imaginário, através da poeticidade lírica do episódio.

Referências

BULFINCH, Thomas. *História viva – Mitologia: a arte da guerra*. vol. 3. São Paulo: Duetto, 2005.

MIELIETINSKI, E.M. *A poética do mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

VIRGÍLIO. *Eneida*. 8ª ed. Trad. Tassilo Orpheu Saplding. São Paulo: Cultrix, 2003.

HOMERO. *Odisséia*. Tradução de Manoel Odorico Mendes (1799-1864). Prefácio de Prof. Silveira Bueno. Fonte digital - Digitalização da 3ª edição. Biblioteca Clássica sob a direção de G. D. Leoni e Paulo R. Teixeira. São Paulo: Atena Editora. Versão para eBook – eBooksBrasil. 2009.